

# **Formações X-logo e X-grafo: um caso de deslocamento da composição para a derivação?**

*Roberto Botelho Rondinini*

*Carlos Alexandre Victorio Gonçalves*

Universidade Federal do Rio de Janeiro / CNPq

A partir da constatação de que os processos de composição e derivação podem ser tratados sob a ótica de um *continuum* morfológico, tal como proposto por Bybee (1985), objetivamos, com o presente trabalho, determinar se as construções terminadas em -logo e -grafo (como, por exemplo, ‘geólogo’ e ‘geógrafo’) podem, ainda hoje, ser consideradas compostas ou se teriam se deslocado no *continuum*, apresentando características derivacionais. Há evidências de que os formativos -logo e -grafo apresentaram modificações de comportamento ao longo dos séculos, conforme Amorim & Madeiro (2001) e Gonçalves (2004).

Realizamos uma pesquisa empírica com dados coletados de fontes diversas (dicionários, jornais e revistas de grande circulação nacional, como o *Jornal do Brasil* e a revista *Veja*, além de dados ouvidos em diferentes situações de interação linguística, como conversas informais e programas de televisão). Nosso *corpus* foi constituído por 372 formações.

Dessa maneira, apresentaremos, a seguir: (a) a visão de alguns gramáticos, dicionaristas e lingüistas sobre o processo de composição e sobre os formativos -logo e -grafo; (b) uma proposta de análise histórica sobre esses formativos; (c) uma análise dos processos de composição e derivação, segundo Basílio (1987), e indícios do comportamento de sufixo dos formativos em questão, na atualidade; (d) tendências que indicam uma modificação no caráter semântico prototípico de -ógrafo; e (e) o *continuum* derivação-composição, segundo os critérios de Relevância e Generalidade, nos moldes de Bybee (1985) e Gonçalves (2004a). Destacamos, ainda, que algumas das análises que apresentamos se iniciaram em trabalhos já publicados relacionados ao mesmo tema, como Amorim & Madeiro (2001), Basílio (1987), Gonçalves (2004b) e Madeiro (2003).

## **1. Gramáticas tradicionais e escolares**

As gramáticas tradicionais (e escolares) afirmam que o processo de formação de palavras que envolve a utilização dos formativos gregos -logo e -grafo é tipicamente a composição. Cunha e Cintra (1985:107-110) afirmam (a) que palavras formadas por -logo e -grafo são compostos eruditos resultantes da associação de dois termos e (b) que tais “radicais” funcionam preferencialmente como segundo elemento da composição. Afirmam, ainda, que os radicais gregos são fonte de quase todos os neologismos filosóficos, literários, técnicos e científicos, apresentando, em uma lista, tanto as formas

em -logo/-logia quanto as em -grafo/-grafia.

As definições apresentadas são as seguintes (Cunha e Cintra, 1985: 110):

-logo – que fala ou trata.

-logia – discurso, tratado, ciência.

-grafo – que escreve.

-grafia – escrita, descrição.

Cunha (1986: 111-112) mostra que a nomenclatura científica, técnica e literária é basicamente constituída de palavras formadas pelo modelo de composição greco-latina. Esse modelo associa dois termos, sendo o primeiro determinante do segundo. Também apresenta -logo e -grafo como radicais gregos e as definições são praticamente idênticas às de Cunha e Cintra (1985).

Campos (*apud.* Cunha 1986, 112) apresenta uma interessante observação a respeito da formação de palavras derivadas do grego:

*Nos radicais gregos reside a fonte inexaurível de onde têm jorrado a água viva de quase todos os neologismos literários, técnicos e científicos. Deles dimanam expressões de gramática, retórica ou filosofia. Com ele se formam termos de matemática, mecânica ou astronomia, neles encontram denominação os fenômenos físicos, químicos ou biológicos, deles se derivam apelativos numerosos empregados em zoologia ou botânica, geologia, mineralogia ou paleontologia, neles se fundamenta a nomenclatura de vocábulos usados em anatomia ou fisiologia, em clínica, cirurgia ou patologia, com eles o comércio e a indústria batizam multivariados objetos, aparelhos, produtos e invenções.*

Podemos verificar dois fatos curiosos relacionados às afirmações de Campos (*op. cit.*): a) o fato de os radicais gregos **derivarem** nomes empregados em diversas ciências, o que nos leva a considerar a derivação como um dos processos envolvidos na formação de termos com tais elementos<sup>1</sup> e b) como esses elementos “batizam” produtos e ciências, podemos inferir, da citação, que o autor considera produtivas tais formações.

Bechara (1999: 355-384) define a composição como sendo a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante. Há compostos com elementos eruditos que não aparecem independentes na língua, mas apenas em formas de origem greco-latina, como, por exemplo, ‘biblioteca’ e ‘hipódromo’. Destaca que através do latim nos chegaram diversos radicais gregos devido aos abundantes empréstimos ocorridos entre os séculos XVI e XVIII, quando o latim era o veículo de obras de ciência e de filosofia.

Bechara (1999:376-7) apresenta –logo e –grafo da seguinte forma:

Gráf-o, *gráph-o* (escrever), e daí *graph-ia* (descrição), *graph-o* (que escreve),

---

<sup>1</sup> A utilização do termo “derivarem” na citação pode, nesse caso, ser interpretada em referência ao processo de derivação, na formação das referidas palavras, ou, simplesmente, como indicativo de que os radicais gregos fazem parte do processo de formação de termos científicos, podendo representar uma inadequação na utilização do termo.

*gramm-a* (o que está escrito): geografia, telégrafo, telegrama.

*Log-os* (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo.

Mattoso Camara Jr. (1970) afirma que tanto a composição quanto a derivação, no âmbito da gramática descritiva, são um conceito sincrônico independente da dedução dos elementos lexicais constituintes das palavras por meio da análise etimológica. Podemos perceber que a posição dos autores até então referenciados, com exceção de Mattoso, é a de analisar os formativos -logo e -grafo a partir de uma perspectiva diacrônica, considerando-os radicais de origem grega constituintes de termos eruditos formados pelo processo de composição.

Certamente, a colocação de Mattoso nos leva a refletir sobre a validade de se considerar o aspecto histórico na análise dos processos de formação de palavras, uma vez que o falante nativo da língua portuguesa não mais consegue identificar os formativos -logo e -grafo como originários do grego e tampouco atribuir a eles o mesmo significado que possuíam nessa língua. Em outras palavras, o falante não mais busca no grego elementos necessários para constituir novos vocábulos, mas pensam em sua própria língua, buscando elementos que se adaptem às suas necessidades<sup>2</sup>.

Sem dúvida, delinear o caminho percorrido pelos formativos desde sua entrada na língua portuguesa até a atualidade nos permitirá detectar os principais momentos de sua trajetória, auxiliando-nos a compreender seu atual *status* morfológico. Dessa maneira, realizamos uma pesquisa em gramáticas históricas e dicionários etimológicos, descrita a seguir, cujos resultados nos levaram às análises apresentadas nas seções 3 e 4.

## 2. Gramáticas históricas e dicionários etimológicos

Cunha (1994) apresenta -graf(o) e -log(o) como elementos de composição gregos, formadores de vocábulos na própria língua grega. Além disso, formam vocábulos em diversos idiomas, como o francês e o inglês, tendo sido introduzidos na linguagem científica internacional a partir do século XIX. Palavras como 'geógrafo', 'geografia' e 'geográfico' foram importadas para o português no Renascimento, entre os séculos XV e XVI.

Machado (1967) também considera os formativos em questão elementos de composição culta, destacando que -log- é uma raiz que aparece em inúmeros vocábulos eruditos, sendo o (o) final de -log(o) e -graf(o) uma vogal temática.

Góes (1937), ao contrário da grande maioria dos gramáticos, afirma que -logo e -grafo são afixos. Mostra, ainda, que -ia se agrega a tais sufixos, ampliando sua significação. Dessa forma, temos a seguinte associação: -grafo / -grafia, como em 'geógrafo' / 'geografia' e 'etnógrafo' / 'etnografia'; e -logo / -logia, como em 'astrólogo' / 'astrologia' e 'geólogo' / 'geologia'.

Posteriormente, Góes (1945:164) afirma que -logo é (a) um sufixo, quando posicionado à direita do vocábulo, como em 'análogo', 'apólogo'; (b) um prefixo, quando posicionado à esquerda, como em 'logomaquia' e 'logógrafo'; e (c) um sufixo

<sup>2</sup> Bechara (1999:373) afirma que, hoje, para cunhar termos científicos, não se buscam novas denominações no grego, mas em línguas como o francês e o inglês.

com acepção de tratado, assumindo a forma -logia, como em ‘anemologia’ e ‘patrologia’. Já Bueno (1988: 1620, 2211) apresenta ‘grafo’ e ‘logo’ como primeiros elementos de compostos eruditos, sem fazer referência ao posicionamento de tais formativos como segundo elemento de vocábulos.

A partir da pesquisa em dicionários etimológicos e gramáticas normativas e históricas, associada às datações relativas aos dados de nosso *corpus*, pudemos propor que os formativos -logo e -grafo passaram por três momentos históricos importantes:

- a) séculos XIII a XVIII, com o ingresso desses elementos diretamente do grego ou do latim;
- b) século XIX, com a utilização na linguagem científica internacional e
- c) séculos XX e XXI, com a consolidação dos formativos em questão na língua portuguesa e sua utilização predominantemente com bases livres.

### 3. Evolução histórica dos formativos -logo e -grafo

Embora sejam relativamente claras as diferenças entre a formação de palavras por derivação e por composição, há processos de gramaticalização que demonstram a possibilidade de se transitar entre suas fronteiras. Um exemplo disso é o sufixo -mente, que, em latim, era considerado forma independente (substantivo) e formador de palavras por processo de composição. Atualmente, esse elemento atua como sufixo formador de advérbios a partir de adjetivos, como em ‘certamente’, ‘lindamente’ e ‘perfeitamente’. Na evolução para o português, a partícula *mente* perdeu, portanto, sua significação e valores originais de substantivo e passou a atuar como sufixo formador de advérbios, transitando, portanto, da sintaxe para a morfologia.<sup>3</sup>

Verificamos em (01) o uso de -mente no latim e no português atual:

(01) Latim

*bona mente* - substantivo = boa mente.

Português atual

belamente - adjetivo + sufixo = de modo belo.

Basílio (1987:33) afirma que há uma regularidade que aproxima os processos de composição e derivação, que se refere ao preenchimento por verbos específicos (‘guarda-’, ‘porta-’, ‘para-’) nas estruturas do tipo verbo + substantivo. Afirma, ainda, que essa aproximação também se realiza por intermédio de alguns afixos que se “originam de cristalizações de formas de composição”, tal como ocorre com o sufixo *-mente*.

A análise do percurso histórico das construções X-logo e X-grafo indicou a importância de três momentos para o nosso estudo, conforme adiantamos na seção anterior. Primeiramente, tais formações passam a fazer parte do português a partir do século XIII, por intermédio da importação direta de palavras do grego e do latim, como

<sup>3</sup> Não é consensual a caracterização das formas X-mente como derivadas. Alguns autores, como Cagliari (2000), consideram que -mente, por se realizar numa palavra prosódica individual, faz com que a base não se submetta a processos fonológicos no nível lexical, como a neutralização das pretônicas. Bases com vogais tônicas abertas (bela) preservam a abertura vocálica, muito embora tais vogais passem à posição pretônica (*belamente*).

se vê nos dados em (02):

- (02)prólogo século XIII (latim)
- diálogo século XIV (latim)
- epílogo século XVI (latim)
- mateólogo século XVII (grego)

*Logos* e *Grafos*, no grego clássico, eram consideradas formas livres com significados próprios: *Logos* (palavra, estudo, ciência, tratado) e *Grafos* (escrever, descrever, desenhar, imprimir). Juntavam-se a outras formas livres criando palavras por composição, o que justifica a denominação de compostos eruditos dada por gramáticos e dicionaristas (Cunha, 1975; Bechara, 1999; Corominas, 1987; Nascentes, 1990) para as palavras referidas em (02). O ingresso desses compostos eruditos no período renascentista se deveu a um movimento de retomada das tradições greco-latinas.

A análise desses dados, no português contemporâneo, nos leva a considerar as construções provenientes de empréstimos como indecomponíveis morfologicamente (Villalva, 2000), uma vez que essas palavras são introduzidas no léxico já prontas e o falante não é capaz de identificar os elementos constituintes. O falante também não é capaz de identificar o significado das partes e, dessa maneira, formações como as apresentadas abaixo se mostram com elevado grau de opacidade, além de, muitas vezes, não seguirem o mesmo padrão de formação, com o elemento [ó] antecedendo -logo e -grafo:

- (03)prólogo
- epílogo
- análogo
- autógrafo

O segundo momento de nossa análise se situa no século XIX, quando -logo e -grafo foram amplamente utilizados na nomenclatura científica, literária e filosófica. A partir de então, o falante age sobre as formas de maneira deliberada, refletindo sobre os seus aspectos etimológicos, na tentativa de denominar apropriadamente uma nova disciplina ou uma nova profissão resultante de avanços tecnológicos, como se vê em (04).

- (04)alergólogo
- pneumólogo
- epidemiólogo
- microbiólogo
- quelonógrafo
- saurógrafo
- taticógrafo
- fotógrafo

Esse processo de criação baseado em formativos eruditos, não somente gregos, mas também latinos, se realiza numa tentativa de conferir maior erudição e intelectualidade aos nomes formados. O falante tem consciência da origem e do significado das bases. Tais fatos nos levam a afirmar que -logo e -grafo ainda se comportavam como radicais nesse período (Gonçalves, 2004b). Vale destacar que, no século XIX, muitos termos chegaram ao português por intermédio de empréstimos do

francês (25 formações), constituídos a partir de elementos greco-latinos, como os apresentados em (05) a seguir<sup>4</sup>:

(05)epistológrafo  
corógrafo  
zoogeógrafo  
estratógrafo

Tal mecanismo de criação de palavras levou (a) à fixação das novas formas no léxico e, talvez por analogia (cf. Basílio, 1997 e Joseph, 1998), (b) à formação de outras palavras em série, o que provavelmente levou à mudança no *status* morfológico desses constituintes no século XX. Esse é o terceiro momento histórico de nossa análise, em que -logo e -grafo passam de bases (radicais presos) a afixos e, com isso, tendem a se unir preferencialmente a palavras e não apenas a bases presas. Das 372 palavras coletadas em nosso *corpus*, datadas ao longo de nove séculos, 38% do total foram formadas nos dois últimos séculos (106 anos) com bases livres<sup>5</sup>. No século XIX, por exemplo, em que houve um grande surgimento de formas com -ólogo e -ógrafo, 70% das formações (150 itens) são de base presa e apenas 30% apresentam bases livres (62 itens). Isso indica que ainda no século XIX os formativos estudados possuíam *status* de radical. Alguns exemplos de construções com bases livres formadas nos séculos XX e XXI são demonstrados a seguir:

(06)historiógrafo  
museógrafo  
siglógrafo  
tragediógrafo  
assiriólogo  
sexólogo  
teatrólogo  
leprólogo

A possibilidade de se ligarem a palavras provocou aumento na produtividade dos formativos e extensão do significado de agente nas formas X-ólogo. Como demonstrado em (07), o significado estendido é o de apreciador daquilo que a base especifica, marcado não somente pela frequência com que se pratica o especificado pela base, mas também por um certo grau de conhecimento em relação ao elemento a que a base faz referência:

(07)cervejólogo  
“funkólogo”  
cigarrólogo  
biscoitólogo

<sup>4</sup> Consideramos como empréstimos tanto as construções X-logo e X-grafo quanto as formações correspondentes em -ia.

<sup>5</sup> Em linhas gerais, consideramos livres as bases diretamente ligadas a uma palavra da língua. As bases presas, ao contrário, não se associam a palavras, aparecendo unicamente em itens lexicais derivados ou compostos. A esse critério formal, associamos um critério semântico, devido a algumas formações não terem semelhança formal com os termos aos quais se referem. Em rodólogo, temos um especialista em rosas e não em rodas, portanto, sua base é presa.

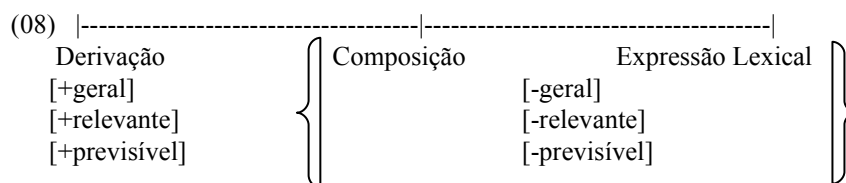
Comparando os exemplos de (03) e (05), verificamos que não há previsibilidade da vogal que aparece antes dos formativos -logo e -grafo nas palavras oriundas de empréstimos. Tais vogais podem ser [i, a, é], embora na grande maioria [ó] seja a vogal presente, sugerindo que ocorre uma junção de dois radicais com a conservação da vogal da primeira base.

Já as palavras criadas no século XX, apresentadas em (06) e (07), apresentam exclusivamente a vogal [ó], sugerindo que tal segmento passou a fazer parte dos sufixos, o que resultaria considerar as formações atuais com os sufixos -ólogo e -ógrafo. Essa última afirmação serve como uma evidência de que os formativos -logo e -grafo passaram por um processo de reanálise e se espelharam nas formas já fixadas no léxico a partir do século XIX.

A constatação de que existe um modelo atual para a criação dos agentivos em -logo e -grafo valida as afirmativas iniciais de que esses não mais se comportam como radicais, deixando de funcionar como bases na formação de compostos. Isso pode ser verificado porque a composição é um processo irregular que não forma séries de palavras e tem produtos quase sempre imprevisíveis. Dessa maneira, descartamos a possibilidade de analisar tais formativos como radicais, a não ser do ponto-de-vista histórico-etimológico (Gonçalves, 2004 a).

A constatação de que processos morfológicos apresentam limites transponíveis reforça a proposta de Bybee (1985) e Gonçalves (2004a), que propõem a existência de um *continuum* entre os processos de flexão, derivação e composição, constituindo uma escala baseada nos princípios de Generalidade e Relevância. Dessa forma, esses processos morfológicos ficam integrados num módulo único – o lexical –, o que condiz com a Hipótese Lexicalista Forte.

Nossos resultados constituem evidência empírica em favor do *continuum* sugerido por Gonçalves (2004a), que amplia o proposto por Bybee (1985), no sentido de incluir a composição entre as expressões lexical e derivacional, como se vê no esquema seguinte:



A expressão derivacional é caracterizada por generalidade e relevância médias, uma vez que os afixos são aplicáveis em larga escala, mas não a ponto de envolver toda uma classe de formas, como a expressão flexional: a aplicabilidade não é plena, uma vez que há inúmeras lacunas. No que diz respeito à relevância, os conteúdos de afixos derivacionais afetam bem mais as bases que os veiculados por elementos da flexão. Evidência disso é o grande número de lexicalizações com os elementos da derivação (Gonçalves, 2004a: 184).

A composição figura no centro do *continuum* apresentado em (08) porque não apresenta generalidade suficiente para que uma base se aplique a um número considerável de formas, mesmo que uma delas seja relativamente recorrente, como nas

formações de base presa ('sócio-político', 'sócio-econômico', 'sócio-cognitivo' etc) e nas construções com base verbal ('porta-copos', 'porta-papel', 'porta-níquel' etc). A generalidade não é tão alta a ponto de promover criações em série e, tampouco, de possibilitar o estabelecimento de padrões mais gerais de formação. Há, nesse tipo de operação morfológica, restrições de combinação, uma vez que o conteúdo do primeiro elemento não é combinável com o de um número considerável de palavras da língua, como é o caso de compostos do tipo \*sócio-cosmopolita, \*sócio-rural; \*porta-político, \*porta-prato.

Por esses motivos, nossa análise histórica sustenta a proposta de *continuum*, uma vez que -logo e -grafo, ao que tudo indica, transitaram, ao longo da história do português, da composição para a derivação.

#### 4. Caracterização de -ólogo e -ógrafo como sufixos

Basílio (1987:26) afirma que a base de uma palavra derivada é geralmente uma forma livre (verbos, substantivos e adjetivos), como ocorre em 'retributivo', 'livreiro' e 'beleza', respectivamente. A autora admite que as bases de uma construção derivada também podem ser presas, como em 'marceneiro' e 'padeiro'. Já o processo de composição se realiza pela junção de duas bases, como ocorre em 'guarda-chuva', 'sociolinguística' e 'agricultura'. A autora afirma, ainda, que ambos os processos são complementares - embora "profundamente diferentes" - na função de formar palavras de acordo com nossas necessidades comunicativas. Enquanto a derivação apresenta caráter fixo e de teor geral, tendo ou não contraparte sintática, a composição apresenta caráter mais específico, obedecendo à necessidade de expressão de combinações particulares.

O teor de produtividade de processos de derivação está estreitamente relacionado ao seu grau de generalidade: quanto mais geral e comum forem as funções sintático-semânticas dos afixos, maior será a previsibilidade de novas formações (Bybee, 1985). A composição, por sua vez, envolve a junção de bases que não apresentam elementos fixos, não havendo funções predeterminadas no nível dos elementos; apenas ocorre a utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais através do papel que as bases desempenham dentro da estrutura da palavra, como, por exemplo, na formação de compostos do tipo substantivo + substantivo, em que o primeiro funciona como núcleo da construção e o segundo como modificador ou especificador, conforme vemos em 'sofá-cama', 'peixe-espada' e 'navio-escola'.

Verificamos, assim, que (a) a composição permite que se nomeiem ou caracterizem seres pela junção de dois ou mais termos em um único item lexical, levando a categorizações cada vez mais específicas e particulares e (b) a derivação expressa noções mais gerais e comuns, com afixos apresentando funções sintático-semânticas definidas. Além disso, vale destacar que as formas compostas apresentam freqüentemente um distanciamento do significado primitivo de seus componentes, seja pela "disseminação de situações naturais de metáfora, por extensão de significado ou pela presença insuspeitada de funções em certos formativos" (Basílio, 1987: 22).

Basílio destaca, também, que é muito comum, em português, a formação de



compostos com bases presas, sendo esses “de grande produtividade na língua formal” (p. 34), devido, sobretudo, às necessidades constantes de novas denominações na linguagem científica e tecnológica. Nesse caso, não há espaço para as construções metafóricas, sendo as formações sempre descritivas; “eventuais distanciamentos entre o significado do todo e o das partes se devem a fatores usuais de evolução semântica, assim como a fatores de diversificação terminológica” (*op. cit.*: 35).

Sem dúvida alguma, as formas em -ólogo e -ógrafo apresentam os requisitos que Basílio (1987) aponta para caracterizar a derivação. Em primeiro lugar, seus significados são gerais e, por isso, podem se combinar com um número considerável de bases. As formações X-ólogo e X-ógrafo são produtivas no português contemporâneo. Por fim, cumpre destacar que a cabeça lexical (núcleo da construção morfológica) figura sempre à direita nas formações em análise (o significado básico das formas complexas é o de -ólogo e -ógrafo). As formações compostas aludidas por Basílio também apresentam cabeça à direita, mas o radical preso é sempre determinante em relação à base livre que precede, como ocorre com ‘afro-brasileiro’ e ‘sócio-cognitivo’.

### 5. Significados prototípicos de -ólogo e -ógrafo

Uma outra abordagem que realizamos diz respeito à semântica prototípica das formações X-ólogo e X-ógrafo. Partimos, no início de nosso trabalho, do conceito que as formas livres *Logos* e *Grafos* apresentavam no grego: respectivamente, “estudo, ciência, tratado” e “escrever, descrever, desenhar e imprimir”, o que, posteriormente, levou a “que escreve, que descreve, que imprime”. Dessas definições, provieram os conceitos utilizados nas formações morfológicas complexas, em que os formativos -ólogo e -ógrafo significam prototipicamente “agentes especialistas ou peritos em determinada ciência ou assunto”, cujos sentidos se estendem até os dias atuais.

Ao separarmos as palavras por grupos de afinidade semântica, a fim de verificarmos a recorrência de seus significados, identificamos três grupos para -ólogo e três para -ógrafo, divididos da seguinte forma:

-ólogo: agentes especialistas, agentivos habituais e formas isoladas;

-ógrafo: agentes peritos<sup>6</sup>, instrumentos e formas isoladas.

A divisão dos dados do *corpus* considerou a) as diferenças entre as formações que apresentavam a mesma base e se ligavam aos dois formativos em questão e b) as possíveis diferenças semânticas entre os grupos de mesmo formativo. Como resultado, os agentivos relacionados a -ólogo foram subdivididos em dois grupos – habituais e especialistas – e os agentivos em -ógrafo, ao contrário, foram todos classificados como peritos/práticos.

Percebemos que, no decorrer dos séculos XIX, XX e XXI, houve um decréscimo na produção de formas em -ógrafo na acepção de agente e elevação na de instrumento, o que indica uma possível especialização de sentido. Tal formativo deixaria, dessa

---

<sup>6</sup> Consideramos agentivos peritos aqueles que, além de possuírem o *status* de especialista, apresentam algum tipo de atividade prática.

maneira, de denominar prototipicamente “agente perito” para denominar, principalmente, “instrumento”. Já em relação a -ólogo, verificamos que permanece o sentido prototípico de agente especialista, como demonstramos a seguir.

Em termos numéricos, para as formações em -ólogo com o sentido de “agente especialista”, tivemos um total de 159 ocorrências, das quais 64 nos séculos XX e XXI, 93 no século XIX e 2 em outros séculos. Os dois outros grupos – agente habitual e formações isoladas – apresentaram apenas 25 ocorrências, sendo 11 nos séculos XX e XXI, o que demonstra nitidamente o caráter prototípico de agente especialista – “aquele que se dedica ao estudo de um assunto ou ciência”.

Já as formações em -ógrafo com sentido de agente perito apresentaram 27 ocorrências nos séculos XX e XXI, 68 no século XIX e 9 em outros séculos, o que indicia produtividade para essa acepção. Entretanto, ao analisarmos os dados para o grupo que nomeia instrumentos, verificamos que, de um total de 68 ocorrências, 44 são relativas aos séculos XX e XXI e 24 ao século XIX, indicando produção bem maior para esse grupo, em comparação ao de agentes peritos. Em termos percentuais, 26% das formações de agentes peritos foram datadas pelos dicionaristas consultados (Nascentes, 1955; e Cunha, 1994) nos séculos XX e XXI. No grupo de instrumentos, 65% foram datados nos dois últimos séculos.

Essas constatações nos levaram a realizar testes, a fim de verificarmos (a) quais os sentidos prototípicos para formações com -ólogo e -ógrafo e, dessa forma, comprovar, ou não, se esta seria a motivação para a menor produção no grupo de agentes peritos em relação ao grupo de instrumentos para formações em -ógrafo; (b) se o sentido prototípico de formações em -ólogo permanece o mesmo, ou seja, o de agente especialista; e (c) se os falantes identificavam a idéia de agente habitual nas recentes produções com o formativo -ólogo.

Assim sendo, procedemos à investigação com doze falantes nativos da variedade brasileira da língua, divididos igualmente entre homens e mulheres, em três faixas etárias (até 25 anos, entre 25 e 50 e acima de 50 anos) e escolaridade nos níveis médio e superior. Tais informantes foram distribuídos em dois grupos e submetidos a um teste (cada grupo respondeu a um conjunto de palavras diferentes) em que deveriam identificar o significado de palavras com os formativos em questão. Em cada teste, havia cinco termos existentes na língua portuguesa e cinco termos fictícios, todos apresentando as opções de “profissional, estudioso, instrumento ou apreciador”. Os resultados aparecem na tabela (09) a seguir:

(09)

|                     | <b>X-ólogo</b> | <b>X-ógrafo</b> |
|---------------------|----------------|-----------------|
| <b>Profissional</b> | 17/60 = 28%    | 11/60 = 18%     |
| <b>Estudioso</b>    | 38/60 = 63%    | 8/60 = 13%      |
| <b>Aparelho</b>     | 1/60 = 2%      | 41/60 = 69%     |
| <b>Apreciador</b>   | 4/60 = 7%      | -               |

As informações coletadas a partir do teste servem como mais um indício de que o sentido prototípico para formações com -ógrafo apresenta (a) um deslocamento do sentido primitivo de agente perito e se encaminha para uma especificação com o sentido

de aparelho ou instrumento, com 69% das ocorrências; e (b) a constatação de que a noção de agente perito ainda é percebida pelo falante, com um total de 31% de ocorrências para profissional e estudioso. Ainda mais evidente é o sentido prototípico para formações com -ólogo, em que 91% de ocorrências se referem a estudioso ou profissional. Vale destacar que o resultado de 7% para agentes habituais constitui indício de que essa noção já é percebida pelo falante.

Há, ainda, um fator final que nos leva a crer que, de fato, estamos diante de uma modificação no sentido prototípico de -ógrafo. Verificamos, que a denominação de agente profissional se realiza por intermédio de diversos sufixos, como -ista, -ário, -eiro, dentre outros, além de -ólogo e -ógrafo.

Verificamos, cf. Gonçalves & Costa (1997) e Rondinini (2004:71-5), que há uma distribuição complementar entre esses sufixos formadores de agentivos denominais em português, com -ólogo ocupando o nível mais elevado na escala de *status* e prestígio sociais, enquanto -ógrafo concorre, em diferentes níveis, com o sufixo -ista e com o próprio -ólogo. Essa competição entre os formativos provoca uma pressão paradigmática que pode conduzir o sufixo -ógrafo a uma especialização de sentido. Dessa maneira, fornecemos outra evidência de que -ógrafo adquiriu novo significado prototípico.

## 6. Considerações Finais

Este trabalho analisou o percurso histórico de logo e grafo desde sua origem, no grego, quando eram utilizados como formas livres, até os dias atuais, em que são utilizados tipicamente como sufixos derivacionais na língua portuguesa (sobretudo na sua variedade brasileira). Para tanto, analisamos 372 dados coletados de diversas fontes e pesquisamos em gramáticas e dicionários diversos, constatando que, no decorrer dos últimos nove séculos, os formativos passaram por modificações tanto semânticas quanto morfossintáticas.

No que se refere ao aspecto semântico, percebemos que o conceito atribuído a formações em -ólogo apresenta estreita relação com seu significado original, havendo nitidamente o sentido de “estudioso ou especialista”. Já -ógrafo apresentou uma modificação no seu sentido original, especializando-se, atualmente, na nomeação de instrumentos, como indiciam (a) a maior produção do grupo que designa “instrumento” e (b) o decréscimo na produção de “agente perito”, fato ocorrido nos séculos XX e XXI.

Embora, em um primeiro momento, tenhamos entendido que -ólogo e -ógrafo nomeavam prototipicamente “agentes profissionais”, os dados nos mostraram especificidades que nos levaram a delimitar mais precisamente esse conceito. Dessa maneira, optamos por denominar os agentes em -ólogo como “especialistas” ou “habituais / apreciadores” e os agentes em -ógrafo como “peritos”.

Destacamos a repetição sistemática da vogal posterior aberta [ó] antecedendo os formativos -logo e -grafo nos efetivamente termos cunhados em português. Tal constatação nos fez avaliar tal segmento, na atualidade, como pertencente aos, acreditamos, sufixos, uma vez que, independentemente da constituição da base com que

-logo e -grafo se unem, a vogal que ocupa a referida posição é sempre a mesma ([ó]). Semelhante constatação foi feita para os formativos correspondentes -logia e -grafia, com a diferença de a vogal pertencente à referida posição não mais ser a posterior aberta [ó], mas a posterior fechada [o].

Verificamos, também, que -ólogo e -ógrafo, que, até o século XIX, se uniam, preferencialmente, a bases presas passaram a se unir, nos últimos 106 anos (séculos XX e XXI), na maioria das vezes, a bases livres. Esse fato, aliado à elevada produção das formas X-ólogo e X-ógrafo, representaram os indícios iniciais de que os anteriormente considerados radicais -logo e -grafo não mais agiam como tal, aproximando-se do comportamento de sufixos formadores de palavras por derivação. Dessa forma, nossos dados sustentam as propostas de Bybee (1985) e Gonçalves (2004a), que consideram a existência de um *continuum* entre os processos morfológicos de flexão, composição e derivação.

Finalmente, podemos afirmar que este estudo representa uma contribuição para as pesquisas em morfologia, uma vez que propusemos uma reclassificação de -logo e -grafo de radicais para sufixos formadores de palavras por derivação, destacando tanto as generalizações quanto as especificidades envolvidas nos processos analisados. O fato de tais elementos também aparecerem na posição inicial não invalida nossa hipótese, uma vez que (a) são extremamente raros exemplos desse tipo (cf. “logósofo”) e (b) quando um dos formativos aparece em primeiro lugar, o outro pode aparecer em segundo, sempre antecedido da vogal [ó], como em “grafólogo” e “logógrafo”, o que os faz também se comportarem como sufixos. No nosso entender, o pequeno contingente de formações com logo e grafo à esquerda constituem evidência de que esses elementos morfológicos eram radicais presos, não se comportando mais dessa maneira na atual sincronia da língua.

## Referências

- Amorim, Amile & George Madeiro. (2001). *Agentivos denominais em -logo e -grafo: percurso histórico*. Comunicação apresentada na JIC da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, p. mimeo.
- Ali, Manoel Said. (1966). *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.
- Basílio, Margarida. (1980). *Estruturas Lexicais do Português: Uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1987). *Teoria lexical*. São Paulo: Ática.
- Bechara, Evanildo. (1999). *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Bueno, Francisco da Silveira. (1988). *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Lisa.
- Bybee, Joan. (1985). *Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Campos, José Luis. (1935). Formação de palavras derivadas da língua portuguesa. In: *RLP*, ano XVI, nº 68.
- Chaves de Melo, Gladstone. (1981). *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

- Corominas, Juan. (1987). *Dicionário crítico etimológico*. Madrid: Editorial Gredos.
- Cunha, Antonio Geraldo da. (1994). *Dicionário etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Cunha, Celso Ferreira. (1975). *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/FENAME.
- Cunha, Celso. & Lindley Cintra. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. (1999). *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Gôes, Carlos. (1937). *Dicionário de afixos e desinências*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- \_\_\_\_\_. (1945). *Dicionário de raízes e cognatos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: P. de Azevedo.
- Gonçalves, Carlos Alexandre. & Raquel Costa (1997). “Um caso de distribuição complementar no léxico: os sufixos agentivos denominais”. In: *Letras & Letras*, 13 (01) : 21-36. Edufu.
- Gonçalves, Carlos Alexandre, Raquel Costa & Lilian Yacovenco (1998). “Condições de produtividade e condições de produção: uma análise das formas X-eiro no português do Brasil”. In: *Alfa*, 42: 33-62. Unesp.
- Gonçalves, Carlos Alexandre. (2004a). *Flexão e Derivação em português*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- \_\_\_\_\_. (2004b). *Estudos em morfo-pragmática e morfologia diacrônica*. São Paulo: Booklink.
- Joseph, Brian. (1998). Diachronic Morphology. In: Andrew Spencer & Arnold Zwick (eds.). *The handbook of morphology*. London: Basil Blackwell.
- Luft, Celso Pedro. (1978a). *Gramática resumida: explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Porto Alegre: Globo.
- \_\_\_\_\_. (1978b). *Moderna gramática brasileira*. Porto Alegre: Globo.
- Machado, José Pedro. (1967). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Conferência Editorial.
- Madeiro, George. (2003). Da segmentação das formas x-logo e x-grafo em português: nova proposta de análise. In: Carlos Alexandre Gonçalves (Org.) (2003). *Inicia – Revista da graduação em Letras da UFRJ*. N°1, Vol. 1. pp.92-98.
- Mattoso Camara Jr, Joaquim. (1970). *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- Mattoso Camra Jr, Joaquim. (1974). *Dicionário de Filologia e Gramática: referente à língua portuguesa*. Rio de Janeiro: J. Ozon.
- Nascentes, Antenor (1955). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Rondinini, Roberto Botelho. (2004). *Formações X-ólogo e X-ógrafa no português: uma abordagem derivacional*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Letras.

Villalva, Alina. (2000). *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.